

**BULLYING: UMA PRÁTICA DE VIOLÊNCIA**

Milene de Oliveira Silva

**RESUMO:** Esta proposta de trabalho tem por objetivo analisar o fenômeno do *bullying*, e que atinge as pessoas no mundo, e diminui a autoestima de suas vítimas. Sua ocorrência é possível ser verificado nas escolas, seja ela privada ou pública. Este tem sido uma questão pertinente para discussão entre educadores, diretores e pais, pois refletem comportamentos como agressões físicas e morais, o uso de apelidos, causando vários danos, principalmente ocasionando um déficit no rendimento escolar, além de outros mais graves. O *bullying* é uma prática de violência, que precisa de intervenção dos professores para que possa ser minimizado ou erradicado do ambiente escolar e social, por meio da educação e do desenvolvimento do respeito ao próximo e uma melhor sociabilidade entre as pessoas. A tolerância e o respeito à diversidade devem ser elementos norteadores, para uma prática pedagógica que contemple a transformação de atitudes preconceituosas e agressivas em amor ao próximo. O *bullying* será eliminado de nossas escolas, quando os alunos aprenderem a lidar e a conviver com as diferenças. Vamos buscar estratégias principalmente para os professores para lidar melhor com esse tipo de problema e até mesmo com os pais e a comunidade, que são extremamente importantes nesse tipo de situação.

**Palavras-chave:** *Bullying*. Violência escolar. Assédio escolar.

**Introdução**

Os estudos sobre o *bullying* escolar tiveram início na Suécia, na década de 70 e na Noruega, na década de 80. Aos poucos, vem se intensificando nas escolas dos mais diversos países, sendo possível quantificá-lo em índices que variam de 5% a 35% de envolvimento. No Brasil, os estudos estão recentes, motivo pelo qual a maioria dos brasileiros desconhece o tema.

Estudiosos dizem que o *bullying* é um fenômeno expansivo, por isso considerado epidêmico, comprometedor do pleno desenvolvimento do indivíduo, por suas consequências psicológicas, emocionais, sociais e cognitivas, que se estendem para além do período escolar.

Em todo o mundo, alunos sofrem todos os dias com um tipo de violência que vem mascarada na forma de "brincadeira". Podemos observar que

recentemente há vários estudos que noticiam a violência nas escolas, destacando-se entre os meios de comunicação, e relatos de experiências de educadores.

A ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e adolescência), o termo *bullying* pode ser definido como:

O *bullying* compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder [...]. Os atos repetidos entre iguais (estudantes) são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima.

A associação (Abrapia) sugere as seguintes atitudes para um ambiente saudável na escola.

- conversar com os alunos e escutar atentamente reclamações ou sugestões;
- estimular os estudantes a informar os casos;
- reconhecer e valorizar as atitudes da garotada no combate ao problema;
- criar com os estudantes regras de disciplina para a classe em coerência com o regimento escolar.
- interferir diretamente nos grupos, o quanto antes, para quebrar a dinâmica do *bullying*.

“As vítimas de *bullying* geralmente são pessoas com dificuldades a reagir diante das situações agressivas, não conseguindo suportar a pressão a que são submetidos.” (MARRIEL, ASSIS; AVANCI; OLIVEIRA, 2006).

Segundo Pereira (2009, p.16):

[...] *bullying* o que a literatura refere por comportamentos agressivos de intimidação e que apresentam um conjunto de características comuns, entre as quais se identificam várias estratégias de intimidação do outro e que resultam em práticas violentas exercidas por um indivíduo ou por pequenos grupos, com caráter regular frequente.

Tendo em vista a preocupação dos educadores em relação à violência, de um modo especial o *bullying*, foi criado “Observatório de Violências nas escolas” no UNISAL. O observatório da violência é um centro de

estudos que tem como preocupação as violências nas escolas, e tem como um dos objetivos promover uma "Cultura de Paz". Uma das ações para que este objetivo seja atingido é realizar um treinamento com todos os profissionais que atuam diretamente na escola.

O coordenador da Abrapia diz que trabalhos internacionais que foram realizados demonstraram que o *bullying* pode ocorrer a partir dos três anos de idade, quando a intencionalidade desses atos já pode se observada.

Existem nas escolas grandes desafios para a equipe gestora e para os educadores. São eles: violência, discriminação e preconceito contra algumas crianças ou adolescentes. Tais práticas, conhecidas como *bullying*, podem acarretar dificuldades de aprendizagem e traumas ao longo da vida desse aluno. Especialistas revelam que esse fenômeno, que acontece no mundo todo pode provocar nas vítimas desde diminuição na autoestima até o suicídio. Esses pesquisadores dizem que há várias maneiras dos professores lidarem com o *bullying* em sala de aula, e que tanto caso individual, quanto coletivo mais do que procurar a 'estratégia perfeita', a ideia é selecionar a mais adequada de acordo com o contexto. Antes de decidir a tática a ser utilizada, é imprescindível considerar as características individuais dos envolvidos e a política da escola. Recomenda-se que as estratégias do docente não o levem a culpar e nem a castigar o jovem por uma ação determinada. Ao evitar essas atitudes, potencializa-se a responsabilidade individual e coletiva. Especialistas recomendam que os professores conversem com os estudantes sobre o *bullying* e pergunte a eles se sabem o que é *bullying*, e peça-lhes para contarem casos e descubra qual a opinião deles sobre o tema. Nas escolas também mostra que a integração dos pais é importante e fundamental, na maioria das vezes.

Especialistas dizem que o tipo de experiência vivenciada pela criança no ambiente familiar, poderá predispor-la a tornar-se uma protagonista do fenômeno. Para o seu pleno desenvolvimento a criança necessita sentir-se amada, valorizada, aceita, incentivada à auto-expressão e ao diálogo, principalmente na adolescência, porém a noção de limites precisa se estabelecida com firmeza e com coerência,

Os estudiosos também apresentam dicas para prevenir o *bullying* tanto para os professores quanto aos alunos.

Para os professores eles recomendam que não tenham atitudes extremas e nem dificuldades para manter a sala em ordem, e que não manifestem atitude negativa em relação ao estudante, sarcasmo e formas sutis de ridicularização devem ser evitados.

O especialista Neto orienta que ao surgir uma situação em sala, a intervenção deve ser imediata, ele diz que se algo ocorre e o professor se omite ou até mesmo dá uma risadinha de uma piada ou um comentário, vai pelo caminho errado, Neto diz que o professor deve ser o primeiro a mostrar respeito e dar o exemplo.

Aos alunos orientam a refletir sobre projetos de vida pessoal e coletiva, que formulem planos, estabeleçam objetivos e verifiquem se os projetos foram alcançados, que sejam otimistas e esperançosos, perante a vida, com base na realidade.

## **1. Características dos bullies**

Em um estudo entre alunos autores de bullying, 51,8% afirmaram que não receberam nenhum tipo de orientação ou advertência por seus atos. Provavelmente porque 41,6% dos que admitiram serem alvos de bullying relataram não ter solicitado ajuda aos colegas, professores ou família. Pesquisas indicam que adolescentes agressores têm personalidades autoritárias, combinadas com uma forte necessidade de controlar ou dominar. Também tem sido sugerido que uma deficiência em habilidades sociais e um ponto de vista preconceituoso sobre subordinados podem ser particulares fatores de risco. Estudos adicionais têm mostrado que enquanto inveja e ressentimento podem ser motivos para a prática do assédio escolar, ao contrário da crença popular, há pouca evidência que sugira que os bullies (ou bulidores) sofram de qualquer déficit de autoestima. Outros pesquisadores também identificaram a rapidez em se enraivecer e usar a força, em acréscimo a comportamentos agressivos, o ato de encarar as ações de outros como hostis, a preocupação com a autoimagem e o empenho em ações obsessivas ou rígidas. É frequentemente sugerido que os comportamentos agressivos têm sua origem na infância:

Se o comportamento agressivo não é desafiado na infância, há o risco de que ele se torne habitual. Realmente, há evidência documental que indica que a prática do assédio escolar durante a infância põe a criança em risco de comportamento criminoso e violência doméstica na idade adulta. (*Anti-Bullying Center Trinity College, Dublin*).

O assédio escolar não envolve necessariamente criminalidade ou violência. Por exemplo, o assédio escolar frequentemente funciona por meio de abuso psicológico ou verbal. Os *bullies* sempre existiram mas eram (e ainda são) chamados em português de rufias, esfolá-caras, brigões, acossadores, cabriões, avassaladores, valentões e verdugos.

Os *valentões* costumam ser hostis, intolerantes e usar a força para resolver seus problemas. Porém, eles também frequentemente foram vítimas de violência, maus-tratos, vulnerabilidade genética, falência escolar e experiências traumáticas. Comportamentos autodestrutivos como consumo de álcool e drogas e correr riscos desnecessários são vistos com mais frequência entre os autores de bullying. Quanto mais sofrem com violência e abusos, mais provável é deles repetirem esses comportamentos em sua vida diária e negligenciarem seu próprio bem estar.

## 2. Tipos de assédio escolar

Enquanto a sociedade não resolver o problema de bullying nas escolas, dificilmente conseguirão reduzir as outras formas de comportamentos agressivos e destrutivos entre adultos. Os *bullies* usam principalmente uma combinação de intimidação e humilhação para atormentar os outros. Alguns exemplos das técnicas de assédio escolar:

- insultar a vítima;
- acusar sistematicamente a vítima de não servir para nada;
- ataques físicos repetidos contra uma pessoa, seja contra o corpo dela ou propriedade.
- interferir com a propriedade pessoal de uma pessoa, livros ou material escolar, roupas, etc, danificando-os.
- espalhar rumores negativos sobre a vítima;
- depreciar a vítima sem qualquer motivo;

- fazer com que a vítima faça o que ela não quer, ameaçando-a para seguir as ordens;
- colocar a vítima em situação problemática com alguém (geralmente, uma autoridade), ou conseguir uma ação disciplinar contra a vítima, por algo que ela não cometeu ou que foi exagerado pelo *bully*;
- fazer comentários depreciativos sobre a família de uma pessoa (particularmente a mãe), sobre o local de moradia de alguém, aparência pessoal, orientação sexual, religião, etnia, nível de renda, nacionalidade ou qualquer outra inferioridade depreendida da qual o *bully* tenha tomado ciência;
- isolamento social da vítima;
- usar as tecnologias de informação para praticar o *cyberbullying* (criar páginas falsas, comunidades ou perfis sobre a vítima em sites de relacionamento com publicação de fotos etc);
- chantagem.
- expressões ameaçadoras;
- grafitação depreciativa;
- usar de sarcasmo evidente para se passar por amigo (para alguém de fora) enquanto assegura o controle e a posição em relação à vítima (isto ocorre com frequência logo após o *bully* avaliar que a pessoa é uma "vítima perfeita");
- fazer que a vítima passe vergonha na frente de várias pessoas.
- 

### **3. Bullying Professor-aluno**

O assédio escolar pode ser praticado de um professor para um aluno. As técnicas mais comuns são:

- intimidar o aluno em voz alta rebaixando-o perante a classe e ofendendo sua autoestima. Uma forma mais cruel e severa é manipular a classe contra um único aluno o expondo a humilhação;
- assumir um critério mais rigoroso na correção de provas com o aluno e não com os demais. Alguns professores podem perseguir alunos com notas baixas;
- ameaçar o aluno de reprovação;

- negar ao aluno o direito de ir ao banheiro ou beber água, expondo-o a tortura psicológica;
- difamar o aluno no conselho de professores, aos coordenadores e acusá-lo de atos que não cometeu;
- tortura física, mais comum em crianças pequenas; puxões de orelha, tapas e cascudos.

Tais atos violam o Estatuto da Criança e do Adolescente e podem ser denunciados em um Boletim de Ocorrência numa delegacia ou no Ministério Público. A revisão de provas pode ser requerida ao pedagogo ou coordenador e, em caso de recusa, por medida judicial.

#### **4. Bullying na escola**

Em escolas, o assédio escolar geralmente ocorre em áreas com supervisão adulta mínima ou inexistente. Ele pode acontecer em praticamente qualquer parte, dentro ou fora do prédio da escola.

Alguns sinais são comuns como a recusa da criança de ir à escola ao alegar sintomas como dor de barriga ou apresentar irritação, nervosismo ou tristeza anormal. Um caso extremo de assédio escolar no pátio da escola foi o de um aluno do oitavo ano chamado Curtis Taylor, numa escola secundária em Iowa, Estados Unidos, que foi vítima de assédio escolar contínuo por três anos, o que incluía alcunhas jocosas, ser espancado num vestiário, ter a camisa suja com leite achocolatado e os pertences vandalizados. Tudo isso acabou por levá-lo ao suicídio em 21 de Março de 1993. Alguns especialistas em "bullies" denominaram essa reação extrema de "bullycídio". Os que sofrem o bullying acabam desenvolvendo problemas psíquicos muitas vezes irreversíveis, que podem até levar a atitudes extremas como a que ocorreu com Jeremy Wade Delle. Jeremy se matou em oito de janeiro de 1991, aos 15 anos de idade, numa escola na cidade de Dallas, Texas, EUA, dentro da sala de aula e em frente de 30 colegas e da professora de inglês, como forma de protesto pelos atos de perseguição que sofria constantemente. Esta história inspirou uma música (*Jeremy*) interpretada por Eddie Vedder, vocalista da banda estadunidense Pearl Jam.

Na última década de 90, os Estados Unidos viveram uma epidemia de tiroteios em escolas (dos quais o mais notório foi o massacre de Columbine). Muitas das crianças por trás destes tiroteios afirmavam serem vítimas de *bullies* e que somente haviam recorrido à violência depois que a administração da escola havia falhado repetidamente em intervir. Em muitos destes casos, as vítimas dos atiradores processaram tanto as famílias dos atiradores quanto as escolas.

Como resultado destas tendências, escolas em muitos países passaram a desencorajar fortemente a prática do assédio escolar, com programas projetados para promover a cooperação entre os estudantes, bem como o treinamento de alunos como moderadores para intervir na resolução de disputas, configurando uma forma de suporte por parte dos pares.

O assédio escolar nas escolas pode também assumir, por exemplo, a forma de avaliações abaixo da média, não retorno das tarefas escolares, segregação de estudantes competentes por professores incompetentes ou não atuantes, para proteger a reputação de uma instituição de ensino. Isto é feito para que seus programas e códigos internos de conduta nunca sejam questionados, e que os pais (que geralmente pagam as taxas) sejam levados a acreditar que seus filhos são incapazes de lidar com o curso. Tipicamente, estas atitudes servem para criar a política não escrita de "se você é estúpido, não merece ter respostas; se você não é bom, nós não te queremos aqui". Frequentemente, tais instituições (geralmente em países asiáticos) operam um programa de franquia com instituições estrangeiras (quase sempre ocidentais), com uma cláusula de que os parceiros estrangeiros não opinam quanto à avaliação local ou códigos de conduta do pessoal no local contratante. Isto serve para criar uma classe de *tolos educados*, pessoas com títulos acadêmicos que não aprenderam a adaptar-se a situações e a criar soluções fazendo as perguntas certas e resolvendo problemas.

O *bullying* nas escolas é praticado por meninos e meninas, mas de modo geral há diferenças, a pesquisadora norte americana Rachel Simmons, especialista em *bullying* feminino explica que as ações dos meninos são mais expansivas, agressivas, portanto, mais fáceis de identificar. Eles chutam, gritam, empurram, batem já no universo feminino o problema se apresenta de forma mais velada, as manifestações entre elas podem ser fofocas, boatos, olhares,

sussurros e exclusão. As garotas raramente dizem por que fazem isso e quem sofre não sabe o motivo e se sente culpada.

As meninas agem dessa maneira por que a expectativa da sociedade é de que sejam boazinhas dóceis e sempre passivas. Para demonstrar qualquer sentimento contrário, elas utilizam meios mais discretos, mas não menos prejudiciais. “È preciso reconhecer que as garotas também sentem raiva”, afirma Rachel. Ela também fala que a agressividade é natural no ser humano, mas elas são forçadas a encontrar outros meios além dos físicos para se expressar.

O *bullying* atinge também os alunos com necessidades especiais e para lidar quando nos deparamos com essa situação a psicóloga Sônia Casarin, diretora do S.O. S Down- serviço de orientação sobre síndrome de Down, em São Paulo, orienta conversar abertamente sobre a deficiência deve ser uma ação cotidiana na escola. Casarin diz que o *bullying* contra esse público costuma ser estimulado pela falta de conhecimento sobre as deficiências, sejam físicas ou intelectuais, e em boa parte, pelo preconceito trazido de casa e que é normal os alunos reagirem negativamente de uma situação desconhecida, cabe ao educador estabelecer limites para essas reações e buscar erradicá-las não pela imposição, mas por meio da conscientização e do esclarecimento.

## **5. Indicativos de estar sofrendo *bullying***

Vítimas de *bullying* tem mais chance de desenvolverem transtornos de humor, transtornos alimentares, distúrbios de sono ou/e transtornos de ansiedade em algum momento da vida.

Sinais e sintomas possíveis de serem observados em alunos alvos de *bullying*:

- enurese noturna (urinar na cama);
- distúrbios do sono (como insônia);
- problemas de estômago;
- dores e marcas de ferimentos;
- síndrome do intestino irritável;
- transtornos alimentares;

- isolamento social/ poucos ou nenhum amigo;
- tentativas de suicídio;
- irritabilidade / agressividade;
- transtornos de ansiedade;
- depressão maior;
- relatos de medo regulares;
- resistência/aversão a ir à escola;
- demonstrações constantes de tristeza;
- mau rendimento escolar;
- atos deliberados de autoagressão.

Uma pesquisa do IBGE realizada em 2009 revelou que quase um terço (30,8%) dos estudantes brasileiros informou já ter sofrido *bullying*, sendo maioria das vítimas do sexo masculino. A maior proporção de ocorrências foi registrada em escolas privadas (35,9%), ao passo que nas públicas os casos atingiram 29,5% dos estudantes.

No Brasil, uma pesquisa realizada em 2010 com 5.168 alunos de 25 escolas públicas e particulares revelou que as humilhações típicas do bullying são comuns em alunos da 5ª e 6ª séries. Entre todos os entrevistados, pelo menos 17% estão envolvidos com o problema - seja intimidando alguém, sendo intimidados ou os dois. A forma mais comum é a cibernética, a partir do envio de e-mails ofensivos e difamação em sites de relacionamento como o Orkut.

Em 2009, uma pesquisa do IBGE apontou as cidades de Brasília e Belo Horizonte como as capitais brasileiras com maiores índices de assédio escolar, com 35,6% e 35,3%, respectivamente, de alunos que declararam esse tipo de violência nos últimos 30 dias.

### 5.1 Casos célebres

Na Grande São Paulo, uma menina apanhou até desmaiar por colegas que a perseguiam e em Porto Alegre um jovem foi morto com arma de fogo durante um longo processo de assédio escolar. Na USP, o jornal estudantil *O Parasita* ofereceu um convite a uma  *festa brega* aos estudantes do curso que, em troca, jogassem fezes em um gay. Um dos alunos a quem o jornal faz

referência chegou a divulgar, em outra ocasião, estudantes da Farmácia chegaram a atirar uma lata de cerveja cheia em um casal de homossexuais, que também era do curso, durante o tradicional happy hour de quinta-feira na Escola de Comunicações e Artes da USP. Ele disse que não pretende tomar nenhuma providência judicial contra os colegas, embora tenha ficado revoltado com a publicação da cartilha. Um garoto de Campo Grande (MS) do oitavo ano de ensino fundamental foi obrigado por outro garoto a passar por diversas situações vexatórias, como fazer atividades escolares e pagar lanches para ele na escola para ser poupado de agressões físicas. O caso avançou para a extorsão de dinheiro, causando à vítima a subtração de cerca de R\$ 500 emano. O caso foi parar na 27ª Promotoria da Infância e Juventude do município que apurou, por meio de ligações telefônicas, que realmente ocorria a extorsão, e a um flagrante feito pela polícia, quando o garoto daria mais R\$ 50 ao agressor. Penalizado, o garoto foi submetido a ações previstas no programa contra violência e evasão escolar, o Proceso, em desenvolvimento no município há dois anos. O valor subtraído foi pago pela mãe do *Valentão* aos pais do garoto agredido. O *bullie* de 13 anos foi obrigado pela promotoria a levar os pratos utilizados durante a merenda e a lavar o pátio escolar durante 3 meses, além de poder ter de frequentar um curso sobre *bullying*.

### **Algumas considerações**

O *bullying* é um fenômeno complexo, de difícil solução que exige envolvimento e compromisso de todos os envolvidos, principalmente no ambiente escolar, é uma prática que precisa ser combatida para promover uma cultura de paz, e, sobretudo a prática de denúncias para que estratégias possam ser inseridas na prática.

O relacionamento social dos professores seja amigável com todos no ambiente escolar. Para tentar diminuir o ato de violência que tem acontecido com bastante frequência nos dias de hoje.

## Referências bibliográficas

- ABRAPIA. Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância à Adolescência. Disponível em: <<http://www.bullying.com.br/BConceituacao21.htm>>. Acesso em: 15 Jul. de 2009.
- ANTUNES, Deborah Christina; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicol. Soc.*, v. 20, n. 1, p. 33-41, 2008.
- CALHAU, Lélío Braga. *Bullying: o que você precisa saber*. Rio de Janeiro, RJ: Impetus, 2009. p. 21-36.
- CASARIN, Sônia. 21 perguntas e respostas sobre bullying. *Revista Escola*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/bullying-escola-alunos-deficiencia-610521.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2010.
- D'ANGELO, Rafael. (23 de setembro de 2010). Lei torna obrigatória a notificação de casos de bullying no Rio. *O Globo*. Acesso em: 16 out. 2010.
- FANTE, Cléo. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. São Paulo, SP: Verus, 2005.
- G1. Edição São Paulo - NOTÍCIAS - Vítima de bullying não sabe por que apanhou, e mãe diz que ela podia morrer. Acesso em: 11 de jun. 2010.
- IBGE. *IBGE revela hábitos, costumes e riscos vividos pelos estudantes das capitais brasileiras*. Publicado em 18 de dezembro de 2009. Acesso em: 16 out. 2010.
- LOPES NETO, Aramis, Antônio. Disponível em: <[https://docs.google.com/document/d/1AGFcGWp1eaKBnayDyH22lJeMsAPCtdgEb36Z\\_AFV8vg/edit?hl=pt\\_BR&pli=1](https://docs.google.com/document/d/1AGFcGWp1eaKBnayDyH22lJeMsAPCtdgEb36Z_AFV8vg/edit?hl=pt_BR&pli=1)>. Acesso em: 20 nov. 2010.
- MARRIEL L. M.; ASSIS S. G.; AVANCI J. Q.; OLIVEIRA R.V.C. Violência escolar e autoestima de adolescentes. *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, p. 35-50, jan./abr., 2006. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742006000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742006000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 16 Jun. 2009.
- RAMOS. F. J. S. *Dicionário inglês-português*. São Paulo, SP: FTD, 1988.
- SIMMONS, Rachel. . 21 perguntas e respostas sobre bullying. *Revista Escola*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/bullying-escola-praticado-meninos-meninas-610502.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2010.
- TEIXEIRA, Tâmara. Acusado de bullying vai recorrer de condenação. (21 de maio de 2010). *Jornal O Tempo*. Disponível em: <<http://otempo.com.br/otempo/noticias/?IdEdicao=1667&IdCanal=6&IdSubCanal=&IdNoticia=141597&IdTipoNoticia=1>>. Acesso em: 21 maio 2010.

UNESCO. Disponível em: <<http://www.brasilia.unesco.org/>> Acesso em: 19 jun. 2009.